

A GERINGONÇA GOVERNA PARA OS PATRÔES

**É PRECISO UMA ALTERNATIVA
REVOLUCIONÁRIA
DOS TRABALHADORES**



Editorial

A conciliação de classes só serve aos patrões

A Geringonça, ao juntar um dos partidos que há vários anos governa para os patrões (PS) com os dois partidos que dizem defender os trabalhadores (PCP e BE) foi um Governo de conciliação de classes. Quatro anos depois é preciso concluir que essa conciliação não serviu os trabalhadores. Essa é a grande lição da Geringonça.

Desde a Autoeuropa, ao porto de Setúbal ou aos motoristas de matérias perigosas, já para não falar das mais recentes alterações ao Código do Trabalho ou da promoção do turismo e da especulação imobiliária, o Governo mostrou bem que estava lá para defender e governar para os interesses das multinacionais, banqueiros e grandes patrões.

Este Governo também não mudou a vida dos setores mais oprimidos, seja os negros, que lutaram pelo direito à nacionalidade e contra a brutalidade policial, seja as mulheres, que continuam a morrer vítimas de violência doméstica. Estes continuam a ser os setores mais precários e mal pagos do país, para quem uma parte das leis é letra morta nas suas vidas.

Mas a Geringonça foi mais longe: fez dos mais duros ataques contra o direito à greve. Quando as lutas saíram fora do seu controle, não hesitou em utilizar mão dura, através do tribunais, da polícia e do exército. A extrema-direita quer colocar trabalhadores contra trabalha-

dores, culpando os negros e imigrantes pela pobreza e más condições do país. Assim, esconde e protege os verdadeiros responsáveis da atual situação: os banqueiros e patrões, que estão por de trás de todos os governos no capitalismo. A resposta dos trabalhadores à Geringonça tem que ser a oposta: unificar as lutas dos setores explorados e oprimidos, contra os governos e a burguesia, que só ganham com a nossa divisão.

Defender os benefícios da Geringonça é dar uma maquilhagem de esquerda a um governo da burguesia, quando o apoio da esquerda a este Governo desarmou os trabalhadores, a juventude e os setores mais oprimidos nas lutas, criando expectativas de que o caminho são os pactos e negociações com quem nos rouba o pão e a dignidade todos os dias! Isso é o que abriu as portas à extrema-direita em vários países do mundo.

Nós estamos fartos do mal menor, da política institucional e das negociações nos corredores! Os trabalhadores, jovens, negros e mulheres, que entraram em greve ou saíram à rua nestes quatro anos, mostram outro caminho: a mudança só virá da luta independente, democrática e combativa da classe trabalhadora e setores mais oprimidos. Por isso, é preciso retomar a luta por uma nova revolução!

FICHA TÉCNICA

Capa: Joana Salay

Revisão de Texto: Érica Lemos

Tiragem: 200

Impressão: AGL Artes Gráficas

Lisboa

LÊ MAIS EM:
WWW.EMLUTA.NET

SEGUE-NOS EM:
WWW.FACEBOOK.COM/JORNALEMLUTA

UMA BURGUESIA SUBMISSA, UM PAÍS À VENDA

Desde a entrada na União Europeia que o país se virou para os serviços e turismo, tornando-se cada vez mais dependente do exterior. As privatizações iniciaram-se nos anos 90 e deram um salto com a Troika: ANA Aeroportos, CTT, Galp, PT/Altice ou EDP, serviços

centrais à população dependentes do interesses privados. A Geringonça manteve as privatizações e fingiu que reverteu na TAP, quando os lucros são privados e o Esta-

do serve apenas de garantia bancária.

A venda ao desbarato e a submissão aos interesses das multinacionais e do grande capital da UE ficou claro em casos como a Autoeuropa, o Porto de Setúbal ou da Vinci (no caso do Aeroporto do Montijo).

A Geringonça continua a brutal dependência do exterior e o modelo de baixos salários e precariedade como forma de “atrair o suposto investimento”.

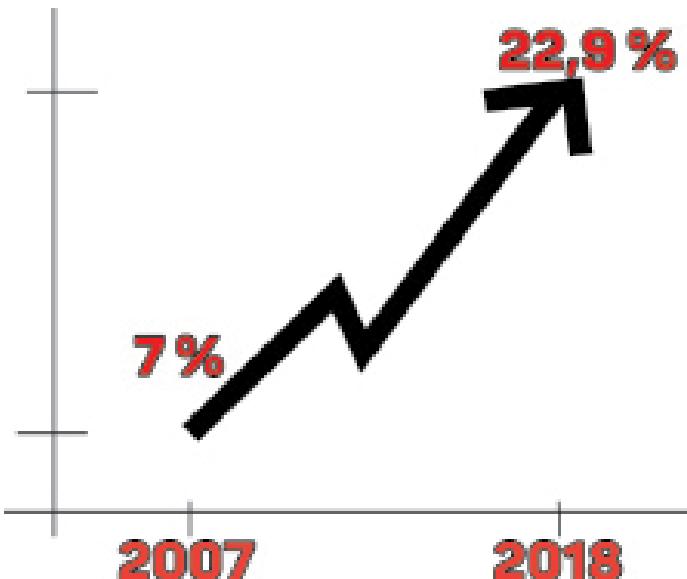
OS TRABALHADORES NÃO SAÍRAM DA CRISE

Enquanto o FMI elogia o Governo da Geringonça e se fala de crescimento do país, para quem trabalha os salários continuam miseráveis, os ritmos de trabalho alucinantes, a precariedade é a

regra e o custo de vida não para de aumentar.

Os patrões viram crescer os seus lucros, mas cada vez mais o trabalho não permite viver de forma digna.

SALÁRIO MÍNIMO EM PERCENTAGEM DOS TRABALHADORES EMPREGADOS



ESPECIAL LEGISLATIVAS

Depois da direita, PS-PCP-BE não acabaram com a austeridade

O Governo português é, para alguns, uma referência de sucesso da intervenção da Troika, com “contas certas” e o défice “mais baixo da democracia”. Para outros, é um exemplo de Governo de “unidade de esquerda” que recuperou direitos. Será possível agradar a gregos e a troi(k)anos? Afinal para quem governa a Geringonça?



O Governo de Passos Coelho (PSD) e Paulo Portas (CDS) aplicou a brutalidade do plano da troika. Por isso, não pode deixar de soar ridículo o discurso do PSD e CDS nestas legislativas, criticando a degradação dos serviços públicos ou a alta taxa de impostos, quando o seu Governo foi responsável por um retrocesso histórico nas condições de vida de quem aqui vive.

UM GOVERNO DA UE E DO FMI

Em 2015, o Governo de Costa, apoiado pelo PCP e BE - mais conhecido como Geringonça - diz que vai mudar a página da austeridade. Os pontos entre os dois Governos são, todavia, mais de continuidade do que de ruptura. Só isso explica este ser, tal como o anterior, um Go-

verno tão reivindicado pelo FMI e Comissão Europeia. A maioria das medidas estruturais da troika, como as privatizações, os aumentos na idade da reforma, a alteração à Lei das Rendas de Cristas, o pagamento da dívida pública, as principais alterações ao Código do Trabalho (como tratamento mais favorável ao trabalhador, horas extra e pagamento do trabalho suplementar), a regra de que a cada dois funcionários públicos que se reformam só entra um ou a aplicação do Sistema de Avaliação da Função Pública (SIADAP), que impede a real progressão de carreiras, ficaram intocadas.

A Geringonça reduziu ainda o défice português a níveis históricos, através dos brutais cortes no investimento público de forma direta no Orçamento do Estado e de

forma indireta nas cativações. A austeridade, portanto, não acabou: só mudou de agente.

CRESCIMENTO ECONÓMICO PARA QUEM?

Este Governo beneficiou de uma conjuntura internacional mais favorável e de uma mudança na política do Banco Central Europeu que permitiu crescimento económico e aumento do emprego. No entanto, isso não se refletiu numa melhoria das condições de vida da população.

As medidas da Direita e da troika impuseram um novo nível de exploração no país. Nenhuma medida da Geringonça alterou esse padrão. Cada vez mais o salário médio se aproxima do salário mínimo, que abrange já 25% da população. Vários estudos apontam que a desigualdade de rendimentos se agravou. O custo de vida sofreu um aumento brutal, em particular no que toca à habitação.

As “medidas sociais da Geringonça” foram apenas paliativos que visam maquillar o drama da pobreza e que não tocam o modelo estrutural do país: austeridade e baixos salários para trabalhadores, lucros e impunidade

para os grandes patrões!

BE E PCP TÊM RESPONSABILIDADE

Durante o Governo de Passos/Portas, apesar das enormes mobilizações e greves, BE e PCP não quiseram dar seguimento às lutas e preferiram levar o descontentamento para as urnas. Nas eleições, fizeram-se reféns do “mal menor”.

BE e PCP dizem que as boas medidas de Costa se devem à sua presença e que as más medidas são um problema do PS. Mas não existem dois Governos diferentes: há apenas um Governo do PS, apoiado pelo PCP e BE, que garantiu a aprovação de quatro orçamentos de austeridade. A continuidade dos cortes orçamentais, da precariedade, da degradação dos serviços públicos, do pagamento dos buracos financeiros dos bancos, etc. tem por isso também a responsabilidade partilhada do BE e do PCP.

Não se pode agradar a gregos e troi(k)anos. A Geringonça foi mais um Governo troikiano, com o apoio de uma Esquerda que se limita a lutar por reformas impossíveis num capitalismo decadente.

Quatro anos depois, para Portugal e o resto do mundo, fica à vista o resultado da unidade de esquerda para governar no capitalismo: abdicar de defender os trabalhadores para conseguir migalhas dos patrões.

ESPECIAL LEGISLATIVAS

PROPOSTAS PARA UMA REVOLUCIONÁRIA D

FIM DO TRABALHO TEMPORÁRIO! EFETIVAÇÃO AO FIM DE UM ANO!

A precariedade implica instabilidade e salários mais baixos, pois impede a evolução de carreira. As empresas de trabalho temporário/outsourcing só servem para roubar dinheiro aos trabalhadores e, através do medo, impôr a submissão aos abusos dos patrões. Nada dis-

to mudou com a Geringonça, que ainda piorou o Código do Trabalho. Não basta a fiscalização da ACT, que está feita com os grandes patrões e não impede o aumento da precariedade. É preciso ir ao fundo da questão.

BASTA DE AUMENTO DE RITMOS E TURNOS DE TRABALHO! REDUÇÃO DO HORÁRIO DE TRABALHO, JÁ!

Quando a tecnologia permitiria a todos trabalharmos menos horas, os patrões impõem ritmos mais acelerados e menos trabalhadores, a generalização do trabalho por turnos, horas-extra infundáveis e, na maioria, não pagas. Reduzir o horário de trabalho para as 35h semanais para todos deve

ser um primeiro passo para distribuir o trabalho existente por todos os trabalhadores e recuperar o direito ao descanso, à família e à saúde! É urgente repor como regra a folga ao fim de semana e impedir o trabalho por turnos em setores não essenciais da economia!



REDUZIR A IDADE DA REFORMA PARA CRIAR EMPREGO PARA TODOS!

Os mais velhos são obrigados a trabalhar até morrer, enquanto os mais novos não conseguem empregos. A sustentabilidade da Segurança Social passa por garantir emprego para todos, salários mais al-

tos e impedir os despedimentos falsos, que beneficiam os patrões, mas são pagos pelos contribuintes. Reduzir a idade de reforma é dar qualidade de vida ao mais velhos e garantir emprego aos mais novos.

BASTA DE SALÁRIOS DE MISÉRIA! SMN 1000€! EVOLUÇÃO DE CARREIRA PARA TODOS!

26,9%

AUMENTO DA RIQUEZA (2016-2017)



0,7%

TRABALHADORES 25 MAIS RICOS DE PORTUGAL

FONTE: WWW.EUGENIOROSA.COM

AUMENTAR O INVESTIMENTO PÚBLICO PARA GARANTIR SAÚDE E EDUCAÇÃO DE QUALIDADE!

Os serviços públicos continuam a degradar-se com a Geringonça: o investimento público foi ainda mais baixo que com Passos Coelho. É preciso reverter o desinvestimento na Saúde e Educação (que só favorece os privados), aumentar o número de funcionários

públicos para acabar com a asfixia dos serviços e pôr fim ao sistema de avaliação da Função Pública (SIADAP), que impede a evolução de carreira e desmotiva quem trabalha. Só assim teremos serviços públicos de qualidade!

REVERTER AS PRIVATIZAÇÕES E AS PPP's! NACIONALIZAR OS BANÇOS E AS GRANDES EMPRESAS ESTRATÉGICAS!

Novo Banco, BPN e Banif foram pagos pelos contribuintes, também durante a Geringonça. As Parcerias Público-Privadas (PPPs) ou isenções às grandes empresas são os nossos impostos a pagar os privilégios dos patrões. Água, energia, estradas, aeroportos, transportes, telecomunicações, bancos, entre outros, são

serviços estratégicos. A sua privatização impede que sejam geridos em prol do coletivo, o que só pode ser garantido pelo caráter público e controlo dos trabalhadores. É preciso renacionalizar as empresas estratégicas e bancos sem indemnização, acabar com as PPPs e os subsídios e isenções às grandes empresas!

MA ALTERNATIVA OS TRABALHADORES

CONTRA O MACHISMO E LGBTfobia!

Não há proteção e apoio do Estado para sair da violência, os tribunais penalizam as mulheres e não os agressores, os salários baixos e a precariedade impedem a autonomia real e o gozo de direitos às trabalhadoras, a licença de maternidade é curta, as creches e lares conti-

nuam a ser privados, sobre-carregando as mulheres mais pobres; muitos direitos dos LGBTs não saem do papel e as escolas continuam a reproduzir uma educação machista e Lgbtfóbica. A Geringonça não mudou a situação das mulheres e LGTBs.

COMBATER O RACISMO, JÁ!

A Geringonça impediu o direito à nacionalidade para quem nasce em Portugal e não garantiu a implementação da recolha dos dados étnico raciais. A violência policial racista continua impune nos bairros e no também no centro da cidade, como se viu no caso Jamaica e no julgamento da Cova da Moura. Os negros trabalhadores (e em particular as mulheres negras) continuam a ser os mais afeta-

dos pela precariedade e salários baixos, sem habitação digna, sem um tratamento igual na escola, trabalho e serviços públicos. O racismo e xenofobia só favorecem os patrões e enfraquecem os trabalhadores. Os avanços na lei da nacionalidade só vieram devido à dura luta travada. A solidariedade e luta por direitos iguais é uma necessidade para trabalhadores brancos e negros.

O PLANETA VALE MAIS QUE OS LUCROS DE BANQUEIROS E PATRÔES!

Perante a urgência climática, a Geringonça continua a apostar em projetos contra o ambiente para garantir os lucros das multinacionais (aeroporto do Montijo e aumento da exploração de lítio, por exemplo) e optou pelas empresas de ce-

lulose em vez do combate aos incêndios. É preciso parar os projetos que destroem o meio ambiente, mudar a política florestal, contratar mais trabalhadores pelo clima e investir numa ampla rede pública e sustentável de transportes.



BASTA DE REPRESSÃO E PERSEGUIÇÃO A QUEM LUTA! PELO DIREITO À GREVE, REVOGAÇÃO DA LEI DA REQUISIÇÃO CIVIL!

A Geringonça teve mão dura para os trabalhadores e protegeu os patrões, fazendo um brutal ataque ao direito à greve. Foi a polícia a furar a greve dos estivadores e a requisição civil contra os enfermeiros e os motoristas! Mas a escalada autoritária viu-se

também no bairro do Jamaica e na repressão dos jovens negros que protestavam na Avenida da Liberdade contra o racismo e a violência policial! A greve e a luta contra as desigualdades e injustiças são um direito dos trabalhadores e juventude!



SUSPENSÃO DO PAGAMENTO DA FALSA DÍVIDA PÚBLICA!

A dívida pública continua a níveis historicamente altos, cerca de 121,5% do PIB. Esta é uma dívida falsa, paga pelo dinheiro dos trabalhadores, que rouba financiamento à contratação, investimento e serviços públicos para pagar juros exorbitantes aos banqueiros. Não

há falta de dinheiro, ele está é nos lugares errados! Por isso, é preciso suspender o pagamento desta dívida absurda e ilegítima, fazer uma auditoria à sua composição e investir esse dinheiro na saúde, educação, habitação e criação de emprego.

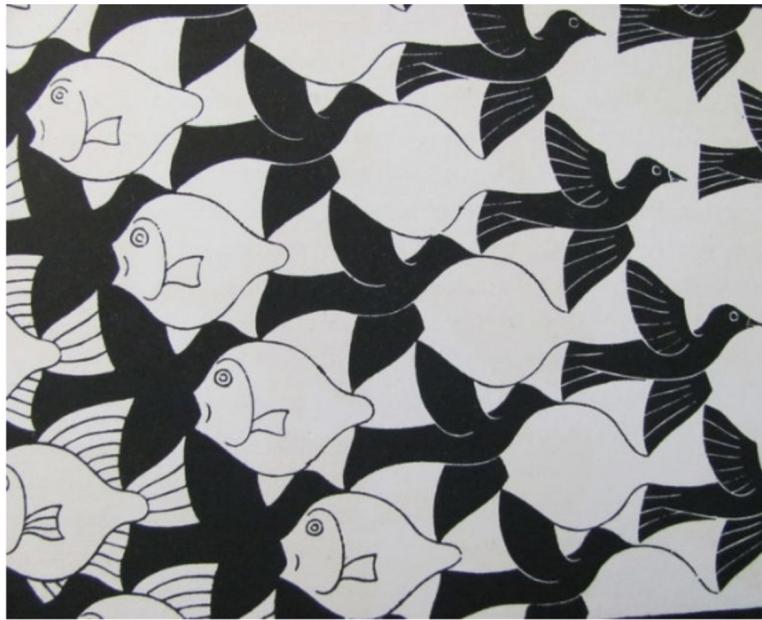
POR UMA SAÍDA DOS TRABALHADORES DA UE E DO EURO!

Esta é a UE da austeridade constante e que apenas defende os ricos; a UE neocolonial que explora o mundo inteiro, mas impede refugiados e imigrantes de entrar com leis racistas; que é governada não pelos povos, mas pelo Banco Central Europeu e Comissão Europeia, que ninguém elegerá. Não é possível defender

medidas de defesa dos trabalhadores e dos serviços públicos e defender a manutenção de Portugal dentro da UE e euro. Para aplicar medidas de defesa dos trabalhadores, é preciso romper com a UE, como ponto de partida para construir uma Europa revolucionária, dos trabalhadores e dos povos!

ESPECIAL LEGISLATIVAS

FALÊNCIA DA CONCILIAÇÃO DE CLASSES NO SINDICALISMO E MOVIMENTOS SOCIAIS



Durante a Geringonça, ficou claro que o sindicalismo tradicional não responde às necessidades dos trabalhadores, pois está colado aos governos e mais interessado em negociar do que em enfrentar os ataques dos patrões. UGT e CGTP ignoram as reivindicações dos trabalhadores e limitam-se a lutas simbólicas, para marcar calendário. A sua aposta na conciliação de classes entre trabalhadores e patrões tem entregado direitos e levado as lutas para becos sem saída. Como se viu na Autoeuropa, nos professores, nos enfermeiros ou nos motoristas de matérias pe-

rigosas, foram os sindicatos afetos à CGTP que aceitaram propostas rebaixadas e traíram os interesses dos trabalhadores.

Esta falta de independência de Governos e do Estado é também uma realidade nos movimentos de luta contra a opressão racista, de mulheres ou LGBT, que não têm conseguido avançar nas suas reivindicações por optarem também pela conciliação de classes, pelas negociações com o Governo ou pela representação dos oprimidos sem um programa que os defenda, em vez de uma luta organizada dos oprimidos e mais explorados.

PCP E BE NÃO SÃO ALTERNATIVA

Os Governos PDS/CDS e PS mostraram há muito tempo a quem servem. Mas nesta legislatura, foi com o voto do PCP e BE que o Governo de Costa aprovou os 4 Orçamentos do Estado que mantiveram a austeridade, taparam os buracos financeiros dos bancos, reduziram o investimento a níveis historicamente baixos, permitiram o crescimento desenfreado do turismo e da especulação imobiliária, etc.. PCP e BE não retiraram o apoio a Costa nem perante as requisições civis e polícia para furar as greves, nem perante o caos na saúde e serviços públicos, nem com a negação da carreira aos professores. A Geringonça mostrou, assim, que estes também não são alternativa para os trabalhadores.

O PCP colocou-se do lado do Governo e patrões contra os trabalhadores e as supostas "reivindicações irresponsáveis". Na recente greve dos motoristas, atuou, através da



FECTRANS, para fazer o frete aos patrões. No sector dos transportes e aeroportos, atrelou os trabalhadores a acordos com o Governo que cancelaram todas formas de luta em troca de uma mão cheia de nada, que mantém enorme precariedade. Criticou as alterações ao Código do Trabalho do PS, mas nunca colocou como condição para apoiar o Governo Costa a reversão dos ataques laborais de Passos Coelho. Recusou-se a defen-

der os jovens negros contra a brutalidade policial ou a trabalhar de forma unitária pelos direitos das mulheres. O PCP foi, assim, o melhor aliado do Governo Costa para manter a paz social. A "responsabilidade" e "unidade" propostas pelo PCP são para conciliar com os patrões, e não para lutar e defender os trabalhadores.

O BE, à frente da Comissão de Trabalhadores, teve um papel similar na luta da Autoeuropa, aceitando o rebaixamento

de direitos sem resistência. No movimento negro, atuou para reduzir a reivindicação de dados étnico-raciais à conciliação com o Governo e, no Parlamento, votou uma proposta de alteração à Lei do Direito à Nacionalidade diferente daquela que defendia no movimento. Querendo ser o parceiro responsável, deixou de ser rebelde e assumiu uma política social-democrata de lutar pelas migalhas no capitalismo.

ESPECIAL LEGISLATIVAS

NEM A DIREITA, NEM A GERINGONÇA (PS-PCP-BE) DEFENDEM OS TRABALHADORES

Nestas eleições legislativas, para os trabalhadores, o que está em causa é o balanço de 4 anos da Geringonça. A direita entregou o país à troika e fez ataques duríssis-

mos, impondo um novo nível de exploração e extensão da precariedade e pobreza. A Geringonça governou para os patrões e banqueiros, que continuaram a ganhar mi-

lhões. Por isso, consideramos que os trabalhadores não devem dar o seu voto nem à direita, nem a nenhum dos partidos que conformaram a Geringonça, visto todos

terem responsabilidades na continuidade desta austeridade e na crise em que continuam a viver os trabalhadores e a juventude.



VOTO CRÍTICO NO MRPP E MAS

Há dois partidos que consideramos poderem merecer o voto crítico de quem trabalha, pois mantêm-se como forças independentes à esquerda da Geringonça e estiveram ao lado dos trabalhadores nas principais lutas que atravessaram estes 4 anos: são eles o MRPP e o MAS.

No entanto, o MRPP continua a apresentar uma saída nacionalista e patriótica, que, mais cedo ou mais tarde, leva à conciliação de classes e não apresenta alternativa para um capitalismo

cada vez mais internacional. O MAS continua com uma política essencialmente eleitoral e que aposta na unidade de esquerda como forma de combater o governo, quando o PCP e BE optam por se unir ao PS, o que esconde o seu papel de atuação sistemática contra os trabalhadores.

Por isso, consideramos que nenhum dos dois oferece uma alternativa de saída revolucionária para os trabalhadores, chamando a um voto crítico e não ao apoio ativo às suas campanhas.

É PRECISO UMA NOVA REVOLUÇÃO

As grandes mudanças para os trabalhadores não virão das eleições, que são um jogo de cartas marcadas, onde só ganham os que defendem os interesses dos grandes capitalistas.

45 anos depois do 25 de Abril, conseguimos acabar com a ditadura, mas vemos retroceder os direitos conquistados com muita luta por tantas gerações! Esta democracia dos ricos demonstra que não há saída dentro do capitalismo que não seja a barbárie social e ecológica, agravada agora com a possibilidade de uma nova crise no horizonte..

Por isso, é das lutas quotidiana-

nas da classe trabalhadora, da juventude e dos setores oprimidos que podem vir as grandes mudanças. Mas não basta lutar por reivindicações imediatas dentro do capitalismo, onde tudo retrocede. É preciso uma luta política revolucionária contra o atual sistema para podermos mudar as nossas vidas.

Cada vez mais, para conseguir direitos básicos como trabalho, habitação, saúde, educação, direitos iguais, respeito pelo meio ambiente, ou seja, uma vida digna, é preciso retomar a tarefa inacabada do 25 de Abril e fazer uma nova revolução.



ESPECIAL LEGISLATIVAS

JÁ BASTA DE MAL MENOR! DUAS TAREFAS FUNDAMENTAIS DOS TRABALHADORES, HOJE

UNIDADE PARA LUTAR POR UM SINDICALISMO INDEPENDENTE, DEMOCRÁTICO E COMBATIVO

A situação dos trabalhadores, dos jovens, dos negros e imigrantes, das mulheres e LGBTs, dos reformados, exigem cada vez mais uma luta forte e consequente para arrancar direitos. A resistência obstinada necessita da unificação das diferentes lutas contra o Governo e da mais ampla solidariedade entre os diversos setores. Mas a unidade de que precisamos é para lutar, e não

para ir conciliar com o Governo e patrões por cima dos interesses dos trabalhadores. Para tal, é preciso um sindicalismo combativo e independente dos governos e patrões, democrático - para que os seus trabalhadores decidam, e que saiba construir a unidade na luta entre trabalhadores, mas num caminho oposto ao da conciliação de classes!

CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA DOS TRABALHADORES!

Uma nova revolução precisa de uma alternativa política - que faltou no 25 de Abril. Por isso, é necessário construir um partido revolucionário que esteja nas lutas quotidianas, mas, acima de tudo, que tenha um programa revolucionário para enfrentar a classe dominante e os seus governos. É ao serviço desse projeto que está o Em Luta, composto de trabalhadores, estudantes,

negros e mulheres, lutadores e ativistas que não nos iludimos com estes governos nem nos contentamos com o projeto de vida que a sociedade capitalista nos impôs. Lutamos por construir uma nova sociedade sem exploração, sem opressão, sem destruição ambiental: uma sociedade dos e para os trabalhadores, uma sociedade socialista.



EM PORTUGAL E NO MUNDO: LUTAR NÃO É UM CRIME, É UM DIREITO!

CONTRA O ATAQUE REPRESSIVO DA GERINGONÇA À GREVE E LUTAS DOS TRABALHADORES!

A Geringonça diz que é de esquerda, mas usa mão dura contra as greves e lutas dos trabalhadores e da juventude. A repressão do Governo só quer calar a brutalidade da exploração, dos ritmos de trabalho, do racismo e das desigualdades, que não acabaram na Geringonça! A greve e a manifestação são os nossos direitos de resistir!



TODA A SOLIDARIEDADE CONTRA 1 ANO DA PRISÃO DE DANIEL RUIZ PELO GOVERNO ARGENTINO

Na Argentina, o governo Macri ataca os trabalhadores para salvar os patrões e banqueiros da crise. Um companheiro do partido irmão do Em Luta - o PSTU - foi preso arbitrariamente há um 1 ano por lutar contra a reforma da Segurança Social, estando até hoje sem direito a julgamento. Liberdade, já!

